ESPECIE DE PROLOGO FORÇADO E FÓRA DE TEMPO

3817 N'uma carta do Sr. *Braz Tizana*, impressa no *Periodico dos Pobres no Porto*, de 10 de janeiro, se lê o seguinte: —

O nascimento do Menino Deus tem sido este anno muito festejado em casa de D. Revista, que nos tem dado uma larga e abundantissima conçoada de versos, até dinamarquezes, e alguns muito lindos. Os invejosos desta Senhora D. Revista dizem que ella principiára o anno novo com cantigas de creanças — Ai! Manas eantemos, etc. A pombinha vai voando, etc. — Parece que o Castilho pouco se interessa já com a redacção d'este aliás interessante Jornal, empregando o seu vasto e brilhante talento em coisas uteis, e deixara a um seu parente o incommodo da redacção com remendos que fornecem rapazes de eschóla, que ainda agora souberam que houve um Heroe Portuguez, que empenhara as suas barbas honradas para contractar um emprestimo! Este palavriado não é meu, mas sim de um egresso que hoje esteve da minha botica, e que é um grande massador, e que concluiu o seu aranzel com estas palavras — Em consequencia d'isto e de outras nicas da Revista Universal Lisbonense, os assignantes deixam voar a Pombinha, *mas não querem vêr voar o seu dinheiro sem utilidade, e por isso este jornal cedo terá a sorte do Panorama.*

Até aqui o Sr. *Braz Tizana*. Agora duas palavras do redactor da *Revista*.

Agradece elle ao Sr. *Braz Tizana*, antes de tudo, os excessivos elogios, que lhe liberalisa, e o interesse, que parece tomar no credito e prosperidade do seu jornal. — Para lhe provar a sua gratidão, toma a liberdade de lhe oferecer alguns conselhos de que fará o uso que lhe parecer.

Primeiro conselho: Não se fie o Sr. *Braz Tizana* em tudo o que lhe dizem, pois sabe que o tempo vae mais para mentiras que para verdades, para calumnias que para lisonjas: e querendo-se fiar sirva-se d'isso para seu particular divertimento, e não o mande ao publico, sem bom exame: um gracejo póde valer muito; mas a reputação e interesse alheio, em todo o caso valem mais. O egresso zombou da credulidade do Sr. *Braz Tizana*, porque nem os subscriptores da *Revista* lhe vão fugindo, nem o seu redactor é hoje menos desvelado: nem a entregou a pessoa alguma; nem ha n'ella, salvo algum erro typographico, uma só lettra, que não seja posta por ordem sua. Menos falsa é e menos iniqua tambem a contraria arguição, que os seus amigos todos os dias lhe reiteram—de consumir em trabalhos uteis sim, mas inglorios, como são podar e emendar artigos, sustentar correspondencia com os auctores, correr os jornaes portuguezes á busca de noticias, os estrangeiros á cata de inventos ou melhoramentos, rever provas e contraprovas, consumir, repetimos, n'estas e n'outras miserias o largo tempo que poderia gastar em fazer livros novos, ou pelo menos em retocar e imprimir os que já tem feitos. Um dos nossos patricios de mais sciencia e ingenho dizia a este proposito não ha muitos dias que — malbaratar assim as horas estudiosas do dia, e as horas inspiradas da noite, embora fosse para dar um periodico tal como a *Revista*, fazia chorar o coração de quem o observava; era como se um pintor historico se metesse a caiador de aguas-furtadas. — O egresso do Sr. *Braz Tizana* porém, acha ainda pouco, e pertende que dê mais quem já dá tudo, quem sacrifica, forçado, até a gloria propria a um serviço publico, apenas remunerado por um escasso meio pão.

Segundo conselho: Queira o Sr. *Braz Tizana* vêr se póde fazer entrar na cabeça do seu egresso, que uma coisa, que no mundo ha, chamada poesia, sem ser trigo nem cevada, remedio para sesões, nem machina de vapor, é todavia, em todas as nações illustradas, havida por util, crédora de cultura, disvellos e protecção. Que a ella devem ramos principalissimos de suas corôas, a Italia, a França, a Allemanha, Inglaterra e Portugal tambem: que d'entre tantas coisas solidas dos povos antigos, a unica talvez, que lhes sobreviveu inteira, foi a que mais leve de todas parecia, foram os escriptos dos seus poetas; e são ainda ao presente as obras d'esta especie, as que mais depressa vão ganhar ou dilatar, ao longe, para a terra, que as produz, respeito e creditos de civilisada: — em Portugal, onde tanto floreceu a poesia, quasi que já não ha hoje d'ella senão um pouco de rescaldo debaixo das cinzas; a má prosa politica tem absorvido a maior parte dos talentos, que a natureza predestinára para a ressuscitarem: — n'estes termos, quando não sejam para agradecer, tambem não são de certo para apedrejar os esforços de quem, redigindo um jornal accreditado e espalhadissimo, procura n'elle por todos os modos, principalmente pela emulação, concitar a mocidade para o culto da arte por excellencia, porque é na poesia que todas ellas estão cifradas, como n'um symbolo: — se não fossem as diligencias, os rogos, os conselhos, as exhortações, as animações, e até a importunação do redactor da *Revista*, não existiria, além d'essa bella collecção de poesias ao natal, já publicadas, e que só ao sr. egresso desagradaram, uma admiravel quantidade de outras, já remettidas a este escriptorio, entre as quaes umas de riquissima valia, outras das mais apro-

veitaveis esperanças: — diga-lhe que este impulso uma vez dado e recebido seria vergonhoso vandalismo procurar paralisal-o. Matar com quatro linhas de inconsiderada prosa, não só futuros poemas, mas o que mais é futuros poetas, que o ousem os egressos leigos se isso lhes ajuda a fazer o chylo, mas não esperem nunca por auxiliar em tão damnada brutalidade o redactor da *Revista*. O redactor da *Revista* adoptou n'esta parte, e invariavelmente, por timbre, o que por si disia o legislador da poesia romana, — « farei as vezes de pedra de amolar, que não corta mas aguça os ferros para cortarem elles: » —

Munus et officium nil scribens ipse docebo:

finalmente, n'este periodico, empenhado em toda a especie de progressos, materiaes, moraes e litterarios, nunca se dirá que se fechou a porta, nem aos poetas feitos, que vierem animar os noveis com o seu exemplo, nem ás poucas damas que principiam a protestar praticamente contra o systema de ignorancia resignada, a que nossos avós em seus testamentos as deixaram sujeitas, nem aos mancebos, cujo instincto e consciencia os traz a tentar, ainda a medo, os primeiros passos n'esta carreira longa e difficil, que para alguns terminará em summa altura, mas que para todos se abre sempre em fundo valle: — que se não fosse a convicção intima, com que o redactor da *Revista* se acha do grande beneficio, que á litteratura patria ha-de resultar, com o tempo, d'este convivio poetico, para onde todos são chamados, ainda que só poucos possam ser os escolhidos, — por nenhum outro interesse do mundo se houvera elle sujeitado ao trabalho, ás vezes fastidioso e repugnante, de andar mendigando versos, procurando ingenhos nascentes, occultos, e medrosos da luz; oppugnando a preguiça de uns, a modestia de outros, etc., etc., etc., porque, de certo, o tempo desbaratado para obter este primeiro ramalhete, que não chegou a ser metade do que tinha razão para esperar, empregado por elle em faser prosa ou ainda versos, daria muito maior numero de paginas do que assim se apuraram. . ¿ e para que ? . . para credito só alheio, e até para em paga lhe dizerem os leigos egressos, que transcura a redacção a que se obrigou.

Terceiro conselho: Queira o Sr. *Braz Tizana* dizer por derradeiro ao mesmo seu amigo, o qual Deus guarde de sua mão, para muito longe d'onde houver imprensa, com vislumbres de illustrada, — que accusações vagas contra o credito de um jornal, que, — em ultima analyse, é o credito de um homem, — não é licito fazel-as: que affirmar, que além da poesia ha outras nicas na *Revista*, que lhe hão-de fazer desertar os subscriptores, é ser detractor e não censor; não é cauterisar para saude, mas apunhalar á falsa fé: que diga abertamente quaes são essas nicas; será o unico modo de nos habilitar para as evitarmos.

Longe estamos de presumir, que todas as linhas de cada numero da *Revista* sejam egualmente uteis ou interessantes: mas que nos apontem um só jornal de qualquer parte do mundo que seja, a que não succeda outro tanto ?, — e em Portugal que nos mostrem um, passado ou presente, que lhe sobreleve na utilidade, na variedade, no interesse e na reunião de tendencias civilisadoras em todos os generos e tão constantes? — a agricultura, a industria, a saude, as estradas e navegação, a segurança, as artes todas, o theatro, a litteratura, a religião, os costumes publicos e domesticos, qual d'estes objectos teem deixado de ser contínua e indefessamente consultado ? ¿ qual será d'entre elles, o que esse critico invisivel honra com o seu apodo de *nica*? Não pertendemos que a *Revista* seja o melhor jornal possivel; sustentamos sim, que ajudada como ha tanto tempo o é, pelos principaes sabios e litteratos de Portugal, vigiada com amor, como nunca deixou de o ser, por quem, á falta de outros meritos, tem já o de uma experiencia de quatro annos, a *Revista Universal Lisbonense* tarde se verá n'este reino egualada quanto mais excedida: e quando não, esse Salomão que ahi viaja incognito sob a figura de egresso, que faça o que nós confessamos não podermos, que faça outro melhor: venha o seu programma, assignaremos logo; venha o seu primeiro numero, e exceda ao mais insignificante de todos os nossos, e nós convidaremos os nossos subscriptores para que passem depressa do nosso deserto para o seu imprevisto Oasis de abundancia e amenidade.

Remataremos toda esta larga e escusadissima escriptura, protestando ao illustre e devidamente appreciado redactor dos *Pobres no Porto*, que estamos longe de lhe imputar, a elle, ou ao seu chistoso correspondente, *Braz Tisana*, de cuja benevolencia muitas provas temos recebido e n'esta propria carta as recebemos novas, as invejosas, villãs, insensatas, desmerecidas e ingratissimas impertinenciasinhas de anonymos, que nem paxorra temos nem vontade de indagar quem sejam: — temos muito que faser na seara, não po-

demos andar á pedradas aos cães, que se divertem a uivar por traz dos cômoros. O que esperamos é que tanto o correspondente como o jornalista, que teem sobeja experiencia e talento para avaliarem o prestimo, as difficuldades e as indispensaveis amarguras de uma redacção como esta nossa, em tão descurioso e indolente reino como é por ora Portugal, redacção que, se uma vez podesse morrer por pragas de malevolos, difficultosamente seria substituida, regeitem, com a devida indignação de homens de bem, tudo quanto d'este genero, d'esta força, e d'esta lealdade se lhes communicar; bem como que nos ajudem sempre com a sua propria critica sisuda e imparcial, porque o nosso constantemente provado empenho outro não é que o emendarmo-nos. Se a imprensa a si mesma se deshonrar, se os redactores bem intencionados deixarem de se proteger mutuamente, qual será o futuro, o bem propinquo futuro do jornalismo, e das innumeraveis boas coisas que d'elle estão pendentes?

CONHECIMENTOS UTEIS.

ILLUMINAÇÃO DE GAZ.

(Carta.)

Lisboa 20 de Janeiro de 1845.

3818 No artigo 3797 se pedem pareceres ácerca da projectada illuminação de gaz. Estou convencido de que a illuminação de gaz seria hoje para nós de muita desvantagem.

Na França, e principalmente na Inglaterra está recebida a illuminação de gaz; mas as modas estrangerias, nem sempre são uteis; e ainda quando absolutamente o parecem, cabe que examinemos as circumstancias relativas do paiz, d'onde taes modas vem, e as do nosso; e da comparação deduzamos o juizo. Os povos que se allumiam com gaz em vez de azeite com razão o fazem porque não tem azeite; e abundão nas materias de que o seu gaz se fórma: nós estamos em oppostas circumstancias.

Está demonstrado em chimica, ser o carvão de pedra a melhor substancia para se extrahir o gaz lucifero; e posto se hajam apprezentado outros processos para se obter este gaz de varias substancias como das gorduras, com tudo essas substancias não as julgo tão abundantes, que possam suprir a primeira, nos paizes em que ella se encontra tão geralmente espalhada. Nós de carvão de pedra apenas possuimos algumas minas, que julgamos insufficientes para ministrarem todo o gaz necessario, e ás gorduras damos outras applicações pelo menos tão vantajosas como esta de allumiar. Logo para introduzirmos tal moda haviamos d'ir engrossar os thesouros da Inglaterra; que não desgostaria de trocar o seu carvão pelo nosso oiro. Mais objecções. Que enorme somma não custariam os apparelhos; cazas proprias para a distilação de carvão: gazometros, longos e multiplicadissimos tubos de cobre ou ferro; revolver calçadas e ruas inteiras para introduzir a par d'um e mais canos, o tubo prenhe de gaz? E por acazo a abundancia de metaes entre nós é tal que podesse suprir estas necessidades; poder-se-hão estabellecer dous ou tres gazometros no centro da capital e ellevar os tubos por huma immensidade de calçadas, travessas e ruas, tão ingremes, e ladeirentas como as nossas? quando por exemplo se pertendesse levar o gaz á Graça á Penha, ao Monte; nasceria o desejo d'estabelecer ahi o gasometro; mas desalentar-se-hia quem se lembrasse que do pincaro da montanha se havião de descer por immensas curvas os tubos que viessem ás partes mais baixas onde se não poderião multiplicar as casas de distillação. Ve-se já que a pozição da nossa cidade he hum obstaculo poderosissimo á execução d'este projecto: e tanto mais devemos procurar que não vá adiante quanto estamos todos persuadidos de que se confiariam a directores estrangeiros esses trabalhos.

Demais a empreza havia de contar provavelmente com o grande negocio de vender do seu gaz aos particulares para a illuminação interior dos domicilios; mas o numero dos particulares que tal commodidade quizessem comprar não podia deixar de ser diminutissimo; a maior parte, pelo costume, pelo calculo de economia e por medo de desastres, havia de continuar com o azeite, cebo, cera e stearina. Accresce que as grandes revolucionarias do mundo, a chimica e a physica não dormem nem param: crescem, trabalham e progridem sempre; todos os dias se fazem novas experiencias: quando menos se espera vem um novo descobrimento, cae por desconveniente um methodo, ou processo, substituido por outro mais facil, mais barato, ou mais efficaz: a illuminação, e os seus differentes processos são hoje muito estudados, e á pouco a phisica fez applicação da ellectricidade á illuminação, e conseguio huma grande vantagem: tem-se ensaiado diversos outros methodos mais ou menos proficuos, e sem sermos taxados de utopistas podemos e devemos esperar a realisação das promessas da sciencia. Não inutilisemos pois por uma pueril cubiça de novidades os nossos actuaes apparelhos de illuminação, accrescentando ao mesmo tempo o numero de braços empregados n'este ramo de serviço. Nem se nos diga que o gaz illuminaria somente a cidade baixa; n'este caso só veriamos no projecto uma casquilharia muito mal empregada, porque se algumas noites deixa a cidade baixa de ser hum perfeito ermo é no verão quando faz luar.

Para que resplandeça de noite a silenciosa Thebaida da rua Augusta, em quanto quatro quintos da capital e os mais populosos lá iriam continuando com o seu systema antigo não val de certo a pena de lançar trevas no coração dos nossos ilheos para quem a pulgueira era já uma riqueza, e no dos nossos lavradores de azeite de todo o reino. Oxalá que reconsiderado devidamente o projecto se desterre para os entremundios d'onde veio.

De V.

João José de Souza Telles.

VENENOS E CONTRA VENENOS.

3819

Venenos irritantes.	Contra venenos.
Acidos concentrados. . . .	Magnezia calcinada, agua de cal, e sabão.
Alcalis concentrados. . . .	Vinagre. Sumo de limão.
Sublimado corrosivo e preparações mercuriaes . . .	Clara de ovo. Leite.
Arsenico e preparações arsenicaes	Agua de cal.
Cobre e suas preparações.	Clara de ovo.
Antimonio e suas preparações	Infusão de nóz de galha, e cozimento de quina.
Estanho, bismuth, oiro, zinco, e suas preparações	Leite.
Prata e suas preparações	Sal de cozinha.
Nitro	Agua com assucar em abundancia. Os emollientes.
Enxofre	Mucilaginosos, antiphlogisticos.
Baryta e suas preparações	Sulfato de soda, e sulfato de magnesia.
Phosphoro	Mucilaginosos, e magnesia.
Cantharidas	Azeite, e mucilaginosos.
Chumbo e suas preparações	Sal de Glauber.

VENENOS NARCOTICOS E SERPENTES.

Opio e jusquiame. . . . . Vomita-se logo o doente, e acabado o vomitorio se darão acidos vegetaes diluidos: depois se remediará pelos symptomas que se manifestarem.

VENENOS NARCOTICO-ACRES

Cogumelos, tabaco, nós vomica, cicuta, bella dona etc. . . . . Vomitar, e depois remediar aos males produzidos.

VENENOS ANIMAES.

Mordedura de vibora, vespas, etc. . . . . Alcali volatil, causticos applicados sobre a ferida.

NB. São estes os meios conhecidos para soccorrer promptamente qualquer descuido de cozinhas, ou venenos dados de proposito, uma vez que sejam conhecidos.

Copiado do — Formulaire de Poche ou recueil de formules les plus usitées dans la pratique médicale. — Par A. Richard. — Paris — 1834.

Um Assignante.

VERNIZ PRETO NAUTICO.

3820 As PROPRIEDADES principaes d'este verniz são conservar a madeira, as cordas, e enxarcias, impedir o enferrujamento do ferro, e tornar impermiavel o panno. E' a Mr. Lacombe que se deve este invento.

Para obter as tres especies dos productos seguintes, emprega-se um alambique ordinario, que contém perto de 3,600 litros, ou canadas. Introduzem-se n'elle coisa de dois terços da sua capacidade, ou 2,400 litros de alcatrão, que antes de se meterem no alambique se derrete, e clarifica em uma caldeira, ficando as materias heterogeneas no fundo, ou nadando á superficie. Distilla-se por 12 horas, e obtem-se successivamente tres productos. O primeiro consiste em coisa de 200 litros de liquido fortemente acido, o qual depois de se ter guardado dois ou tres mezes em contacto com ferros velhos; adquire em gráu eminente a propriedade de fixar as côres escuras em todos os tecidos de lã, linho, seda, algodão, feltro, etc. O segundo consiste em coisa de 500 litros de oleo, ou essencia de alcatrão, que serve de primeiro elemento ao verniz preto de que logo tractaremos. O terceiro producto é um residuo, que, depois de tirado da caldeira, e frio, se converte em breu secco mui superior ao breu ordinario, e proprio para os navios, barcos, etc. O melhor alcatrão é o da Suecia.

Para fazer o verniz, introduzem-se no mesmo alambique: 1.° 1,600 libras de alcatrão; 2.° 800 litros de oleo, ou essencia de alcatrão, obtido pela destillação; 3.° 1,000 killogrammas de ferro velho enferrujado. Estas materias não deverão saír do alambique sem passarem tres dias.

No primeiro dia a distillação deve ser activa, e o fogo intenso; produz uma certa quantidade de agua acidulada, e oleo, ou essencia muito fina. No segundo dia suppre-se o liquido acido, e oleoso já obtido com quantidade egual de essencia de alcatrão obtida pela primeira operação; mantem-se n'este segundo dia o apparelho distilatorio em um gráu moderado de fervura, e vae-se diminuindo o calor até ao fim do terceiro dia.

Finalmente quando o mixto tem fervido bastante, e adquirido o gráu conveniente de fluidez, deixa-se esfriar o verniz, e deita-se n'um reservatorio destinado a este uso.

Este verniz supre com vantagem e economia a pintura ordinaria a fumo: é de uma côr preta intensa brilhante; sécca com muita facillidade e repulsa a humidade. Emprega-se sempre frio, e não deixa sedimento.

Isidoro José Gonçalves.

TINTURARIA CAZEIRA E BARATA.

(Carta.)

Porto 7 de Janeiro de 1845.

3821 SE V. S.ª quizer publicar a seguinte receita, ella me pareceu bôa em uma experiencia que fiz. Se roupa de cazemira ou de qualquer fazenda de lã perde a côr em bom uso, póde-se-lhe dar uma côr escura, quasi preta, sem estragar nada e tem a vantagem de não conservar cheiro a tinta, nem sujar. Lança-se em meia canada de agua um vintem de páo campeche e estando de infuzão vinte e quatro horas, côa-se e põe-se a agua ao lume, quando está para ferver deita-se-lhe um vintem de sal tartaro, e começando a ferver outro vintem de goma-arabia, fervendo cinco minutos tira-se do lume e espreme-se-lhe um limão, e em quanto está bem quente molha-se uma escova e corre-se bem a eito o fato que se quer tingir. Esta receita é muito pobre para merecer a aprovação geral. Expliquei as qualidades por *vintens*, que assim ma ensinaram.

Uma obscura Portuense.

O CLIMA DO ALGARVE.

3822 FAZ pena que tão serviçal terra e ares tão abençoados para tudo, como os do Algarve, não sejam mais bem aproveitados.

De uma carta do nosso correspondente, o Sr. Jara, copiamos o seguinte. — «o tempo não me tem ainda permittido, para satisfazer ao que o Sr. Sales pela *Revista* me perguntou, ir á quinta do *Rosal* observar as amoreiras. Hoje só posso dizer que partiram para o general, em Tavira, muitas estacas, que n'este nosso bello clima pegam bem e em pouco se fazem arvores frondosas: já aqui vi n'uma aroeira enxertar uma gingeira, e dar ginjas ainda que um tanto amargas; n'uma amoreira enxertar figueira (de cartela) e pegar.—Este sólo é susceptivel de tudo, que póde haver tanto no norte de Portugal como na costa d'Africa. O anno passado semeei o aniz (herva-doce) e fez-se muito maior que o que vem de Valencia; e n'um quintal ja tambem vi cominhos, bananas etc.»

APANHA DA AZEITONA E FABRÍCO DO AZEITE.

(Carta.)

Mirandella 2 de janeiro de 1845.

3823 ACABAM de saír ao publico dois muito interessantes e mui bem trabalhados artigos sobre a cul-

tura das oliveiras, varejo, apanha, entulhação e moedura da azeitona, e finalmente sobre o fabrico do azeite. — Um appareceu na *Revista Universal* n.° 3536 assignado pelo Sr. Verissimo Alves Pereira: — Outro no *Periodico dos Pobres no Porto* n.° 218 assignado pelo Sr. José James Forrester. — Ambos estes illustres e sabios agronomos lamentam o processo antiquado e rutineiro que seguimos nos sobredictos ramos de agricultura; taxam-o de prejudicialissimo aos lavradores, e finalmente dão seus alvitres sobre esta despresada e interessante producção do patrio solo.

Juntâmos nossos votos ao dos illustres lavradores, que tanto se interessam na prosperidade da nossa terra, e com elles desejamos do coração, que uma pratica mais civilisada e perfeita se adopte; e principalmente que essa machina grosseira e trabalhosa, em que dois miseraveis e pacificos animaes arrastam noite e dia um disforme penedo, essa machina digo a que chamam lagar, seja substituida por outra mais ingenhosa e culta, que supra ou minore o trabalho dos animaes, e que milhor e em menos tempo triture a azeitona. — Desejáramos que a fecunda industria e ingenho do homem domando alguma das grandes forças fisicas da natureza a constrangesse, e lhe imprimisse um movimento tendente a esse fim, como o tem feito para tantos outros; n'isso concordamos nós, mas que os arbitrios n'aquelles artigos apontados não podem ter applicação, pelo menos na nossa provincia, é uma verdade que passamos a demonstrar. Nem o minimo desejo temos de offender alguem, que nem esse proceder comporta o caracter franco de um lavrador transmontano, temos só em mira descobrir por meio da discussão uma verdade proveitosa. — Não nos ligaremos a doctinas dos escriptores que aquelles Srs. copiaram mas cingir-nos-hemos a experiencia nossa e de nossos visinhos.

E' uma molestia epidemica, que ataca quasi todos os mestres da agricultura, tanto nacionaes como estrangeiros, o quererem que tenha absoluta força de lei, ou o sonho que tiveram no seu gabinete, ou o resultado da experiencia por elles feita no seu jardimzinho ou no seu quintal, sem se lembrarem de que os argumentos de menor para maior, n'esta materia, quasi nunca fundem resultado plausivel.

Quem haveria que colocado no centro d'esta provincia e no meio d'uma d'essas veigas do mais forte olivedo, cercado de olivaes infindos, cujas arvores de huma corpulencia e altura magestosa, estão apinhoadas de fructo (tem havido algumas que tem produzido 30 alqueires) quem haveria, digo, que no meio d'este oceano d'azeitonas se atrevesse a aconselhar, que se colhessem á mão, ou com ripanço! quando logo que chega a maturação afim de que os passaros e outros inimigos a não arrebatem, o lavrador necessita de juntar 30 e mais operarios, que ainda pelo systema das varas gastam mezes, com bastante detrimento de seus lucros motivado pela grande quantia de azeitona que se perde! e que seria se fosse apanhada á mão sobre a arvore! . . . . Mas que ha-de ser se o Sr. Verissimo apresenta um alvitre particular para ser seguido, por quem tiver mais de um moinho, dando assim a intender que em geral falla para quem tiver menos de um moinho!! N'esta hypothese, sim julgâmos exequivel a sua doctrina, mas se o lavrador tiver 200 ou mais moinhos?

Outra molestia que tambem costuma atacar os nossos escriptores que se occupam n'esta materia, é, o ligarem-se estreitamente aos processos práticos dos estrangeiros maxime aos francezes, e fazerem sobre elles os seus juizos, desprezando de todo as praticas nacionaes, aplicando as estrangeiras indistinctamente ao nosso solo. — Tenho visto vg. muitos tractados de abelhas feitos por portuguezes, aonde se encontram a descripção e estampas de varios cortiços, mas todos estrangeiros, e dos nossos pobres cortiços não se faz menção, talvez por serem de cortiça: maldicto estrangeirismo! Haverá sitios do globo (Aix e outros diz Soares Franco e Rosier) aonde a azeitona se colha á mão (tambem entre nós se colhe para alcaparras) não o negamos, isso seria fatuidade, mas que n'esses paizes senão verificam as circumstancias que se dão no nosso, podèmos sem temeridade affirmal-o.

Um Lavredor.

(*Concluir-se-ha.*)

MODO DE SE MORALISAR O POVO.

3824 Em *Stellin* estabeleceu-se uma sociedade de mancebos artistas sobre a da direcção de certo numero de mestres. Todo o operario póde ser admittido n'esta sociedade, sem differença de religião, nem de classe. A' frente d'ella ha inspectores nomeados pelos socios. O objecto, que se propõe esta sociedade, é dar ao espirito dos operarios uma grande influenda por meio dos principios religiosos e moraes. Muitas cidades da Alemanha teem imitado já este exemplo, e entre ellas *Franckfort* sobre o *Meno*. « Estamos convencidos, diz *o Observador do Rheno*, que os abusos sociaes não se podem estirpar, se não se verificar uma intervenção espontanea por parte das classes medias. »

DA FALTA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA.

[*Carta.*]

Porto 24 de dezembro de 1844.

3825 Muito tenho repisado sobre abusões e falsas crenças e ainda hoje venho contar a V. uma historia certa, que não seria o que foi senão fossem ellas.

Affonso [supponhamos que assim se chamava] tinha muita agudesa e ingenho, imaginação viva e memoria feliz; mas todas as bellas flores da sua menenice murcharam e cairam sem produzirem fructo, porque teve a desgraça de ser filho de um atheu, e de uma supersticiosa.

Nas idéas de sua mãe tinha Affonso conhecido muitos erros; e abandonando esta guia, que teve muito cedo por piloto cego, seguiu os dictames do pae e foi um impio. Não foi comtudo um homem máu para o seu similhante, que a mão de Deus o havia feito bom, mas nem foi feliz, nem util á sua patria; gastou a sua juventude em loucuras, e a virilidade no desleixo e ociosidade.

Acertadamente dizia elle porém: » *Não compreendo essa gente que diz, crê em Deus e no diabo, e segue os perceitos d'este ¿Se eu acreditasse na vida eterna, que me importaria esta tão curta e atribulada? Faria penitencia publica pelas ruas e praças; seria um sancto.* «

O seu medo de morrer era extremo; e algumas vezes o indusia a um certo vacilar entre a verdade e o

êrro; mas as lembranças da meninice, as falsas piedades, que a mãe constantemente lhe ensinára com os preceitos de Deus, o arremeçavam outra vez para o seguro do atheismo.

Chegou a morte que tanto temêra, e Deus, que sem duvida não quiz que ficassem perdidas as virtudes, com que o tinha dotado, e que apenas o atheismo havia offuscado, permittiu fosse uma morte esperada: e então despertando Affonso do seu letargo se lançou com avidez para o porto seguro, e acabou reconciliado com a egreja; mas os males que haviam gerado as superstições não acabaram.

Tinha Affonso filhos, aos quaes educára á lei da natureza, e para maior desgraça a natureza não era n'elles o que fôra no pae, branda e amante da justiça. Morto Affonso, seus filhos deram nos mais criminosos excessos. ¿Qual será o fim d'elles? Infeliz pae se mais tempo vivêra.

Alguns homens conheço afóra Affonso que seriam mais religiosos, se suas mães houvessem sido menos fanaticas. Aquella que ensina os preceitos da religião a um menino, lembre-se de que elle será homem, e a sua razão ha-de entrar então a esmiuçar o que lhe ensinaram: não lhe diga pois coisa que algum dia o faça rir. ¡E' tão sublime a religião na sua singelesa, para que se atrevem a carregal-a de estranhesas! N'este erro cae muito o meu sexo, o de V. no outro [a qual peior] de a aligeirar de mais.

Uma Obscura Portuense.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

AS COMADRES.

3826 Que havemos de commemorar hoje senão aquella boa festa cazeira de antiga mas ignorada origem, celebrada por nossos avós e nem ainda hoje anniquilada, a festa das *Comadres*?!

Precursoras do Carnaval, as boas das comadres em tempos de mais sociabilidade interna traziam, de involta com algumas petas graciosas e innocentes e com o sorteio dos compadres para a seguinte quinta-feira, muito fandango e minuete á viola, muitas modinhas com segunda e sobre tudo muito bons jantares bem comidos e bem ridos e muito boas merendas de filhozes. Hoje os folguedos domesticos são apenas um reflexo palido do que foram; exceptuando as filhozes e os sonhos, o nosso espirito forte e o nosso materialismo pratico já não crê nem toléra coisa nenhuma d'estas. Pena é; que uma ceia de comadres como a faziam, deixava mais agradaveis lembranças aos convivas, divertia mais e não servia de menos do que uma ceia maçonica com as suas saudes de tres fogos.

(*Communicado.*)

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMENISCENCIAS.

XII.

BOMBAIM.

CONCLUSÃO.

[*Vem de pag.* 316.]

PRODUÇÃO.

3827 Basta a qualidade pedregosa e salina do sólo para serem minguadas as producções animaes, e vegetaes. — Verdade é, que se poderião ter empregado esforços mais efficazes contra a esterilidade do terreno, como se tem feito em outros sitios desfavoraveis; mas até 1829, em que se estabeleceu uma associação agricola, ninguem tinha curado de augmentar a quantidade, e melhorar a qualidade das producções. O resultado de seus trabalhos não he ainda bem conhecido; mas é de presumir que em poucos annos se tire a maior utilidade de uma instituição tão proficua.

As vacas e os carneiros, em Bombaim, são em geral muito pequenos e magros; a carne mui pouco saborosa; o leite delgado, e a manteiga liquida. O porco, a não ser criado com o maior cuidado, não serve senão para as classes mais baixas. — As aves caseiras, posto que pequenas, são de certo preferiveis a outro qualquer sustento animal, e como ha muitas, são baratas em proporção do que custão na Europa. — A caça rarêa; — e a que vem da ilha adjacente (Salsete) é pequena e insipida. — O peixe do porto, ao menos o que se serve nas mezas, não deixa de ser saboroso.

As producções do reino vegetal tambem não são numerosas, nem exquisitas; exceptuando, entre as frutas, o coco, a manga, e a goiaba; se bem que muitos Europeos fazem subida estimação da toranja, atta, banana, laranja, lima, uvas, papaya, melão, melancia e romans. As hortaliças mais communs são: — couves, broclos, ervilhas, couve-nabo, feijões, bringélas, bendés ou quiabos, rabanos, cebolas, cenouras, nabos, inhames, couve-flor, e outras verduras, todas á excepção da cebola, rabanos, e couves, são definhadas, e pouco gostosas. — As arvores, todavia, corpulentas, e bem frondosas.

Posto que uma grande parte da ilha seja applicada á cultura do arroz, é tal a ingratidão do terreno, tão limitados os meios dos cultivadores, e tão extensa a população, que se alimenta deste artigo, que toda a colheita, segundo nos informaram, não é sufficiente para o consumo d'um mez.

CLIMA.

N'outro tempo a ilha se considerava tão insalubre (e de feito o era) que lhe puzerão o nome de cemiterio, como já dissemos. Comtudo ha annos que o povo, menos indocil, tem cahido na precisão de não despresar certos meios higienicos, que são indispensaveis em paizes quentes; — e o governo, pela sua parte, tem empregado grandes sommas em depurar o ambiente, mandando proceder a grandes esgotamentos, e remoções de vegetação superflua, e ao entupimento de um braço de mar, que antes se ramificava por parte da ilha, e cuja estagnação produzia vapores nocivos.

O clima, por espaço de outo mezes do anno, é muito secco, conservando-se o thermometro á sombra, ao meio dia, de 78 a 90 graus, donde desce até 60 em algumas noutes de Dezembro, ou Janeiro. Em principios de Junho começa o inverno, e chove, quasi sem interrupção, até fins de Setembro. — Como só a chuva he quem ministra aos habitantes agua para todo o anno, por serem mui poucas as fontes, mesquinhas, e quasi todas de agua salobra, construiram-se grandes tanques em diversos logares da ilha para recolherem agoa da chuva. Differentemente se tem calculado a quantidade de agoa, que cahe em Bombaim. — Mr. Thomas que, ha setenta e tantos annos, servia como

Cirurgião no Hospital, foi o primeiro que se lembrou de tal investigação. Segundo um pluvimetro por elle construido, em 1767 tinhão cahido quasi 111 polegadas, e foi esta mesma quantidade a que elle calculou para cada inverno. Porem, ou o seu instrumento era deffeituoso, ou errado o calculo, porque segundo os registros dos pluvimetros, de differentes observadores residentes em Chaupoty, e Byculla, desde 1817, e os quaes se julgão verdadeiros, e exactos, essa quantidade em cada anno não passa de 80 polegadas, pouco mais ou menos.

COSTUMES.

Os inglezes estão hoje desenganados, não sem amargas experiencias, da impossibilidade de conservar todos os seus habitos, e usos domesticos em clima tão differente d'aquelle, sob que nasceram. Mas as formas geraes são as mesmas que prevalecem em Inglaterra nas diversas classes, e o luxo é excessivo, tanto em equipagens, como em outros regalos da vida. O jantar das pessoas de distincção é sempre ás 7 horas, e poucas vezes acontece que tenham menos de 20 convivas á meza, sendo de notar que cada um dos convidados se faz acompanhar por um criado, que o serve a elle só na meza. — O vestuario é de etiqueta; dos militares o grande uniforme. — Antes de jantar, pela volta das 6 horas, as bandas de musica marcial, que tocam junctas na explanada, chamam para este sitio, onde então se respira um ar mais fresco, grande numero de senhoras, e cavalheiros, em lustrosas carruagens, ou bellos ginetes arabicos: a reunião é vistosissima. — Depois do jantar a musica, e conversação enchem, de ordinario, o resto do tempo até á hora da separação; salvo nos dias solemnes, em que ha dança e jogo, ainda que pouco.

A intima communidade de interesses, e a convivencia das familias excluem a intriga, que não ousa apresentar-se no meio de uma sociedade, opulenta, e laboriosa.

O serviço militar é feito com rigor, os exercicios são frequentes. — Os sipaes (soldados nativos) achamse tão bem adestrados, que os corpos europeus não lhes levam vantagem em disciplina. — Mas a virtude dos campos não é attributo dos hindous

Para completarmos a descripção d'esta segunda cidade da India ingleza, deveriamos ainda, além de outros promenores, pintar os costumes de cada uma das raças orientaes, que constituem a sua variadissima população; — o que fôra demasiado atrevimento da parte de um passageiro europeu que sómente viu todos esses gentios nos balcões das lojas, ou nos trabalhos de seus misteres, ou no limiar das portas, em sua habitual e ridicula postura, mascando aréca, e betéle, ou em suas frequentes, e clamorosas festas, e procissões, mas não em acto algum da sua vida interior, que toda elles vivem bem a occultas!

Os Parses são os mais ricos d'entre os indigenas, e talvez os mais diligentes e sabedores, merecendo por isso a protecção do governo, que os considéra e distingue. Um d'elles, *Jamesehgy*, possue uma fortuna tão colossal, que só para subscripções de caridade tem elle concorrido com perto de um milhão de rupias; sendo a ultima de 300:000 para a fabricação de um hospital! — Por este acto de filantropia, que deixa vêr a extraordinaria largueza de animo d'este homem poderoso, que aliás não vive com grande fausto, posto que possua bellos palacios, e cazas de campo, a Rainha Victoria o mandou condecorar com uma medalha de honra, acompanhada de cartas de nobreza. — Por duas vezes estivemos em sua caza; e n'uma d'ellas foi o barão de Candal recebido por sua mulher e filhas, o que é grande honraria, como quebra da invisibilidade, que para os homens do occidente a sua religião lhes prescreve!

Das fabricas maravilhosas das ilhas de Salsete e Elefanta, visinhas de Bombaim, que devem á penna de Diogo de Couto uma descripção bem minuciosa do estado, em que se achavam no seu tempo, e sobre cuja destinação primitiva a luz historica ainda não desfez as sombras que a involvem, — nem ao menos podemos escrever o — *eu vi* — de um viajante consciencioso, porque não houvemos occasião de as visitar! — Dia para dia se vão apagando, por desleixo de homens, para os quaes nada val o que não é cambiavel, esses restos tão misteriosos, como os do Egipto, dos monumentos de uma civilisação, que não tem outras memorias!

Não lhes perdoâmos a barbaria!

A tarde do dia 7 estava designada para a sahida de Bombaim: ás 4 horas o barão se foi ao cáes da alfandega com todos os officiaes do seu sequito, e depois de receber a continencia da brilhante guarda de honra, formada por um corpo de sipaes, embarcou ao som dos canhões da fortaleza, acompanhado por muitos portuguezes, e por dois officiaes superiores da guarnição, commissionados pelo governador de Bombaim, que tinha regressado á capital. — A bordo da corveta — Infanta Regente — foi recebido com as formalidades a que tinha direito; e largámos á tardinha.

Ás 48 horas precisas uma salva real da fortaleza da barra de Gôa, repetida por todas as outras até aos confins do estado, annunciava á India portugueza a chegada do seu novo governador. — Pernoutou-se a bordo, e pelas 10 horas da manhã do dia seguinte (10) saltámos no cáes do Palacio do Governo, em Pangim (hoje *Nova Gôa*) *cazarão informe*, e vélho, — rótulo em que se lê a decadencia, e pobreza da nossa India malfadada. *C. Lagrange.*

NOTICIAS.

FESTAS PARA O FUTURO E PROXIMO PARTO DE S. M.

DECRETO.

3828 HEI por bem determinar que no dia do meu feliz successo e nos dois dias successivos haja luminarias, repiques de sinos, e salvas de artilheria em toda esta côrte e cidade de Lisboa, castello de São Jorge, torres e fortalezas da marinha; e que estas demonstrações fes ivas se repitam no dia do Baptismo sómente, suspendendo-se nos referidos quatro dias o despacho dos tribunaes. A camara municipal da antiga e leal cidade de Lisboa assim o tenha entendido, e execute na parte que lhe toca, fazendo publicar o bando na fórma do estylo em similhantes occasiões. Palacio de Belém, em 11 de Janeiro de 1845. — RAINHA. — *Antonio Bernardo da Costa Cabral.*

O DEUS DO PIANO.

3829 Os que ainda não poderam tornar em si da impressão que geralmente fez nos seus ouvintes o estrondoso Mr. Marchall, esse prodigio, não de talento nem de execução musica mas de intrepidez e força herculea com que arcava com o mais forte piano n'um duelo em que o instrumento era sempre victima, e de que o matador saía com as mãos ensanguentadas, aquelles, repetimos, que ainda conservam essa impressão de pesadello, podem na quinta-feira 23, no *theatro de S. Carlos*, curar-se radicalmente de tão incommodo padecimento ouvindo o maior pianista do mundo, M. LISZT, nome a que é impossivel accrescentar coisa alguma de elogio. M. LISZT tocará —

« Fantasia, sobre motivos da opera *Norma*. »
« Synfonia de *Guilherme Tell*. »
« Convite a walsa de Weber. »
« Melodia hungara. »
« Galope chromatico. »

MACROBIAS.

(Carta.)

Bragança 11 *de janeiro de* 1845.

3830 Ha n'este concelho duas mulheres que teem entre ambas duzentos e dez annos de edade, *Maria José do Valle*, do logar de *Veduido*, e outra d'esta cidade, muiata, nascida no Rio de Janeiro: a primeira tem cento e seis annos: a segunda cento e quatro. Ambas veem, ouvem, fallam, andam, e comem com dezembaraço. Sustentam-se com alimentos grosseiros; toda a sua vida trabalharam para se manterem. A primeira é solteira, a segunda viuva com dois filhos

De V. etc.

Baracho.

PELO JOGO AO ROUBO, PELO ROUBO AO HOMICIDIO.

3831 Escrevem de *Condeixa a nova* em data de 8 do corrente aos *Pobres no Porto*: — « Esta villa acaba de presencear um horrivel assassinio! Vinha de jornada um soldado de infanteria, com licença; descançou em uma dessas muitas tabernas arvoradas em casas de pasto, na qual passou algumas horas jogando, e tendo o infortunio de ganhar bastante; pelo que deu de comida e ceia aos parceiros. De manhã appareceu enforcado na estrada que vae para *Coimbra*: a corda estava junto do cadaver, e fôra comprada de noute em uma das lojas da villa: instaurou-se o competente processo. »

MAIS UMA FELICIDADE DOMESTICA FULMINADA PELO JOGO.

3832 Um anonymo correspondente nosso, a quem só invejamos o ocio sancto, que parece desfructar, repreende-nos o copiarmos, ás vezes, noticias de outros periodicos. A esta cerebrina censura já havemos respondido. Quando um caso que merece ser conhecido, ou como elemento estatistico, ou pelas inferencias moraes que d'elle se podem tirar, só nos veio ao conhecimento por via de certa folha e n'ella se achava bem contado, não seria puerilidade além de má fé e velhacaria litteraria, traduzil-o para a mesma lingua mas em palavras diversas? E se para dar á paraphrase um ar de original se recorresse ao unico possivel expediente o de fantasiar circumstancias, não seria um verdadeiro crime, muito mais censuravel do que a lealdade de transcrever?!

Ora emquanto o nosso censor não decidir — se antes quer que lhe romanceemos as verdades contadas por outras folhas, ou que inteiramente lh'as supprimamos, — continuaremos a completar o nosso util registo de noticias com a adopção de quantas se nos depararem, isto é, continuaremos a imitar o que fazem todos os outros jornaes de Portugal e da Europa: — e a proposito da epigrafe d'este artigo ahi vae o seguinte do *Cosmopolita*, do Porto: —

Um sujeito ainda ha pouco residente n'esta cidade e com um honesto estabelecimento que muito bem lhe dava para viver com decencia e a sua familia, procurou para sua distracção nas horas vagas o passatempo do jogo, e por elle foi de tal fórma victimado, que não só perdeu o seu, mas tembem o que lhe confiára o credito que tinha sabido adquirir, e desesperado, tomou uma resolução que só elle sabe, porque se ignora onde pára: sua infeliz mulher tomou o caminho de Lisboa procurando-o.

Este e outros infelizes se teriam poupado á desgraça, se as nossas auctoridades perseguissem as casas de jogo que por ahi se veem, documentando um criminoso descuido de quem nos administra.

SOCIEDADE DE CULTURA.

3833 No palacio de S. Ex.ª o Bispo do Porto, respeitavel exemplar de prelados, que assim promove activa e simultaneamente, com os interesses espirituaes, os interesses terrestres, se instaurou, sob a sua presidencia, e celebrou no dia 12 do corrente a sua primeira sessão uma illustre sociedade com o empenho de adiantar e aperfeiçoar a grande e a pequena cultura em todos os seus diversos ramos.

SOBRE UM BAILE EM NOITE DE NATAL DO ARTIGO 3783

(Carta.)

Lisboa 11 *de Janeiro de* 1845.

3834 Na noite em que celebramos o nascimento do *Desejado de todas as nações*; — na vigilia a mais sagrada de todas quantas ha no anno, a unica vigilia que ainda litteralmente se observa, e durante a qual em todo o mundo catholico estão as egrejas resoando com os canticos sagrados e vaticinios expressivos da vinda do Messias, em hum jejum de preceito, passar o tempo « desde as oito horas até á meia noite com differentes peças de musica das melhores operas italianas, e com *alguns jogos de quadrilhas* de mais de sessenta pares, sendo os intervallos preenchidos por copiosos e delicados refrescos » — esta, Sr. Redactor, foi huma scena que eu não esperava ver realisada em terra de catholicos, muito menos ve-la exposta ao publico sem nota alguma em hum jornal christão e justamente accreditado.

Parece-me que na Turquia não seria tolerado similhante modo de passar a vigilia da natividade de Jesus Christo; por que os Mahometanos tem summa veneração para este Divino Senhor, de sorte que, não só se abstem de todo o insulto ao sagrado logar aonde nasceu, mas até, quando sahem d'este lugar não querem de modo algum voltar costas ao santo presepio.

Estou egualmente persuadido que se em Londres, terra de herejes, se tentasse hum baile na noite de

natal, a casa seria apedrejada pelo povo, e os bailantes apupados.

Não digo nada a respeito de pessoas illustres que concorreram para esta scena desedificativa. A caridade christã me inclina a applicar-lhes o dicto de Horacio: — quandoque bonus dormitat. Mas eu lhes pediria encarecidamente que nunca mais mais repitão similhante scena, que nos incrédulos não seria estranhavel, mas o he certamente nos que tem e professam a crença do Redemptor do mundo.

Deus não podia deixar de olhar com complacencia para a victima sagrada que depois da meia noite lhe foi offerecida n'esta occasião; porque seo valor não depende das qualidades nem do externo offerente, nem dos assistentes: mas ha toda a rasão para recear que não olhou com agrado aos que de similhante modo se prepararam para esta acção sanctissima e tremenda.

Sou etc.

Um Estrangeiro Catholico.

UMA CAMARA MUNICIPAL DIGNA DE SER CITADA.

3835 Para incitamento, obra nos parece que fazemos não indigna de apreço publicando uma circular da camara de *Peniche* aos parochos do seu municipio sobre vaccina, e algumas posturas suas de manifesta utilidade.

CIRCULAR.

Illm.º e Revm.º Sr. — A camara municipal deste conselho, convencida, da obrigação, que lhe incumbe, de velar, quanto possivel, pela segurança e felicidades de seus administrados e empregar os meios, de o conseguir, julga do seu dever, annunciar a V. S.ª, para o transmittir aos seus freguezes, na occasião da missa, ou nas que mais proprias lhe parecerem, que os facultativos de partido da mesma camara tem vacina prompta, e a administrão gratuitamente, a quem quer que se lhes apresenta. E como haja ainda, muita gente, que por ignorancia, e obstinação, despresa os beneficios mais sensiveis, como sem duvida é o da vacina, bom será, que V. S.ª, em quem os seus freguezes com justiça, depositam muito credito e confiança, lhes faça sentir que aquelles, que deixam de vacinar seus filhos por ignorancia, negligencia, obstinação, são culpados para com Deus, para comsigo mesmos e para com a sociedade, porque, compromettem a geração nascente, alimentando um mal contagioso; que deixando de vacinar seus filhos, se expoem, ou a perde-los, ou a vê-los desfigurados, e talvez cégos; pois esta enfermidade tão terrivel, é pela maior parte, uma consequencia das bexigas; que aquelles, que despresão uma precaução, que se torna um dever sagrado, hão-de arrepender-se disso um dia, porque, quando o mal chegar, já não é tempo de o previnir: emfim V. S.ª em quem não faltão zêlo e bons desejos, de sêr util aos seus similhantes, empregará os meios de persuasão, que julgar mais proprios, para se conseguir, que todos mandem vacinar seus filhos quanto antes, advertindo-os por ultimo, depois de já empregados todos meios suasorios e de moderação, que por esta camara, se vão expedir as competentes ordens, e tomar medidas, para que aos negligentes e omissos em se approveitar de tão grande beneficio, seja imposta a multa, comminada na postura n.º 111, cuja approvação esta camara solicitou e obteve do conselho de districto.

A camara espera, que V. S.ª se prestará, de boamente a coadjuva-la, n'um objecto de tão transcendentes resultados, no que V. S.ª lhe dará mais uma prova do seu muito zêlo e amor pela humanidade. — Peniche 6 de Janeiro de 1845.

Illm.º e Revm.º Sr. parocho da freguezia de.... O presidente da camara municipal, *Miguel José Simões.*

POSTURAS.

N.º 111 *a que se refere a circular.* — Todo o pae de familias é obrigado a fazer vacinar seus filhos, dentro dos primeiros seis mezes depois de nascido, e o que assim o não cumprir, pagará de mulcta mil e duzentos réis.

Toda a pessoa que, por qualquer forma, maltratar, ou espancar rêz ou besta, ou a sobrecarregar além de suas forças, ainda que seja o proprio dono, pagará de mulcta, quinhentos réis, metade para o accusador.

Todo o pae, ou chefe de familia é obrigado a mandar seus filhos ás escollas estabellecidas neste municipio, e se por negligencia e sem motivo justificado, deixar de assim o fazer, será primeira e segunda vez admoestado, e se mesmo assim o não fizer, pagará de mulcta dois mil e quatrocentos réis. Na mesma mulcta incorrerão aquelles paes, e chefes de familia que destinarem seus filhos para o tracto maritimo, e que até á edade de dez annos os não fizerem aprender a nadar. As admoestações de que acima se falla, serão feitas pelo parocho aos freguezes respectivos que estiverem nas mencionadas circunstancias, e á camara cumpre empregar os meios para que esta postura, surta o desejado effeito.

O GOVERNADOR CIVIL DE ANGRA.

[*Carta.*]

Angra 10 de octubro de 1844.

3836 A administração do Exm.º Sr. José Silvestre Ribeiro, governador civil d'este districto tem sido uma serie continuada de actos de benevolencia: — tem abrangido a agricultura, o culto, as estradas, a segurança e tranquilidade publica, a boa sorte dos empregados, a morigeração do povo, a instrucção da infancia, o embelesamento da terra, a civilisação, finalmente, em todos os seus aspectos.

Maravilha e encanta contemplar o que n'este districto se ha empreendido e consumado desde 21 de novembro de 1839 e mais ainda encanta e maravilha quando se adverte que tantas obras tiveram menos por alicerce o oiro dos cofres publicos do que os donativos e serviços voluntarios, que ninguem recusa ao illustrado propôr, ao insinuante pedir, e ao edificativo perseverar de um primeiro e em tudo primeiro magistrado.

Esta ilha transformou-se; é outra e formosissima: os templos — as praças — os sitios de S. João de Deus — dos Capuchos — do Corpo Sancto — e caminho do Porto de Pipas, e em geral toda a cidade: a estrada que conduz á parochia de S. Matheus, a muralha e largo da mesma parochia: o caminho que leva á parochia de Nossa Senhora de Belém, a egreja de Nossa Senhora dos Milagres, a reedificação da villa da Praia da Victoria e as povoações de Agualva — Villa nova — Layes — Fontinhas — Cabo da Praia — Fonte Bastardo — e villa de S. Sebastião, a grande obra do Porto-novo e Figueirinha, e innumeraveis outras obras que seria fastidioso relatar, são um padrão indelevel da gloria do governo do Sr. José Silvestre Ribeiro.

E' verdade que em tudo isto lhe não tem faltado a cooperação das camaras, juntas de parochia, confrarias, e em geral de todos os cidadãos d'esta ilha, mas tambem é certo que a molla real de tantos movimentos a conspirarem todos harmonicos para um fim commum, elle a tem sido e elle só.

¿Que direi dos que se alimentam dos cofres publico?

Em 1839 quando S. Ex.ª chegou deviam-lhes tres annos:

desde então aquella má conselheira de que falla o poeta, a fome, desappareceu das suas pousadas.

A secca este anno foi n'estas ilhas excessiva: na Graciosa ia sendo mortal. A pobre não tem quasi fontes nem poços, apenas alguns reservatorios das chuvas dos invernos: tudo estava já exhausto e arido. O governador civil freta um navio, carrega de agua e pão, apparece como a Providencia aos que se morriam no deserto. Reparte, como pae de familias, o pão, a agua e dinheiro tambem aos pobres, sonda com um perito todos os logares onde se poderão achar aguas para obviar no futuro a similhantes calamidades, risca, determina, e começa logo para isso as obras necessarias.

Descrever a maneira porque o Sr. J. S. Ribeiro alli foi recebido, bem como os agradecimentos que lhe tributaram as auctoridades não é possivel seriamos; tidos em conta de exagerados. Foi uma ovação. Só ao imperante se poderia faser egual recebimento.

Concluirei esta diminutissima relação referindo o que me consta dissera ha pouco Mr. *Vidal* commandante do Vapor britanico, Styx que tem andado nos mares d'este ararchipelago, em commissão do seu governo.

»Tenho percorrido diferentes possessões portuguezas tanto »da Europa, como da Africa, em nenhuma encontrei nem a »vitalidade nem o aformozeamento, nem o bom governo e ad»ministração que vejo n'esta ilha, com especialidade em An»gra, pena é que o Sr. *José Silvestre Ribeiro* não tinha á sua »disposição meios, e attribuições para dar largas ao seu ge»nio empreendedor.» De V. etc.

Um Cidadão Angrense.

O OCEANO EM TERRA.

3837 O NAUFRAGIO DA FRAGATA MEDUSA é uma peça, que pela singularidade do seu genero e por alguns outros meritos, foi em Paris representada centenares de vezes sem interrupção. Pois bem: o *Naufragio da Medusa* principia a ser representada em Lisboa no theatro do Salitre, com bom machinismo e com scenario pintado pelo Sr. *João Alberto de Soisa.*

Boa parte da acção é passada no mar, já sobre a fragata já sobre a jangada. Desejamos e esperamos que não vá a pique.

DESGRAÇADO FIM DE UM LOUCO.

(Carta.)

Peniche 3 de janeiro de 1844.

3838 A LEITURA do artigo 3669 sobre alienados, impresso no numero 20 da *Revista Universal Lisbonense*, recordou-me um caso triste acontecido aqui em octubro de 1844. Pelo meado ou fins de agosto appareceu n'esta villa um mendigo alienado, cuja mania era ir para a costa do norte d'esta peninsula, e quando estava á borda dos rochedos dizia, que, se tivesse um pau, com elle faria pelo mar jornada mais curta para o logar do Arelho. Dormia elle em uma eira não muito distante d'aquella costa: mas em uma madrugada desappareceu, e tambem um pau pertencente á mesma eira. No dia seguinte achou-se o pau na praia de uma enseada alli perto, mas o pobre alienado não tornou a apparecer. Quasi no meado octubro (a 12 ou 13) andando á caça por aquelles rochedos o Sr. José Diogo da Fonseca Pereira Junior, natural d'esta villa, viu, e viu de bem perto, um cadaver sobre umas pedras proximas ao mar; e vindo para a villa noticiou o que víra a pessoas que elle julgou nas circumstancias de, pelo menos, excitar as providencias que o caso requeria: enganou-se; mas a noticia no espaço de quinze dias propagou-se tanto, que até os rusticos no campo não fallavam em outra coisa. Um d'elles veio desafogar comigo: não podendo levar a bem, que tão pouco se attendesse á saude publica, sendo certo, que um cadaver insepulto por quinze dias (e sabe Deus quantos mais) póde prejudicar muito infectando os ares. Porém a auctoridade judicial, logo que o soube, foi no dia 28 de octubro proceder como lhe cumpria; e a auctoridade administrativa tambem fez o que estava ao seu alcance, porque no dia 30 quatro bajulos (pobres homens coitadinhos!) são constrangidos a irem sepultar o cadaver. ¿Mas que pertendo eu com isto? Unicamente provar, que muitas vezes falham regras e principios, que se tem por certos.

Muitas vezes ouvi a um insigne advogado d'esta villa, que nenhuma auctoridade, a respeito dos casos cujo conhecimento lhe competisse, se presumia ignorante dentro de tres dias, se o caso era acontecido na villa ou cidade, e dentro de oito, se acontecido no termo. E isto tirava elle do disposto na ord. do liv. 1.°, tit. 65.° §. 31.° Pois agora, se ainda vivesse, confessaria, á vista do caso referido, que a regra falha. *José Nicolau da Silva Franco.*

AMABILIDADE DO FORO PARA COM O BELLO SEXO.

3839 PELO juizo de direito de *Trancoso*, acabam de ser condemnadas duas envenadoras, Justa Maria e Florinda Maria. A primeira envenenadora do genro, a segundo do marido: a primeira a dez annos de degredo para *Angola* a segunda a cinco.

Não parece noticia de grande conforto para genros e maridos.

ESPANTOSA PRAGA.

3840 COMPLETAREMOS a triste mais curiosa noticia do nosso artigo 3637, copiando a que recentemente nos dá o excellente jornal *Agricultor Michaelense.*

GAFANHOTOS D'ARRIBADA.

Mr. Medhurst capitão da escuna ingleza *Isabel*, que acaba de entrar n'este porto, procedente de Gibraltar, conta que na sua viagem encontrára um immenso arraial fluctuante de gafanhotos, e dá as seguintes particularidades do phenomeno.

No dia 22 de novembro, na latitude 34°, 30, N, e longitude de 18° W, observou muitos gafanhotos sobre a superficie do mar augmentando gradualmente a sua quantidade para a tarde, a ponto de na manhã seguinte estar o mar espessamente coalhado d'elles. Na tarde d'este dia [23] demorava a embarcação na latitude 35° 40' e na longitude 29°; e n'esta altura tinham os gafanhotos crescido o tal numero, que até aonde os olhos alcançavam, quasi se não descobria a superficie do mar; elevavam-se então em montões, que sem duvida eram formados pelos esforços dos mais fortes para cavalgarem sobre os mais fracos.

A quantidade dos gafanhotos começou a diminuir na manhã do dia 25 estando a embarcação em latitude de 36°, e longitude 23°; e desappareceu completamente na tarde do dia 26, achando-se o navio na latitude 36° 30', e na longitude 24° 40.

E' difficil calcular a extensão da superficie occupada por este exercito de gafanhotos, mas ha bom fundamento para presumir, pelo grande numero dos que arribaram a esta ilha, que a sua derrota era n'esta direcção, e que a *Isabel* navegou atravez do maior diametro d'aquella legião. Sendo bem conhecido que o habito d'estes insectos é voarem n'uma extensa e cerrada columna, abaixando-se á terra pa-

ra se alimentarem, ou cahindo quando como exhaustos de forças, não parecerá exaggerada a precedente relação. A distancia de 35° 40' etc. 20' a 36° etc. 23° é de 135 milhas, as quaes multiplicadas por quatro milhas, o menor alcance provavel da visão, da coberta d'um pequeno navio, prefaz uma area de 450 milhas quadradas, ou duas vezes e meia o tamanho de S. Miguel.

E' superfluo considerar os lamentaveis effeitos que experimentariamos, se esta immensa nuvem d'insectos herbivoros, não interrompida em seu vôo viesse pousar esfaimada sobre nossos campos. Nem isto é um sonho impossivel de se realisar, pois que a chegada dos muitos gafanhotos que aportaram á nossa ilha, prova sobejamente, que se as circumstancias lhes fossem favoraveis, todo aquelle incalculavel exercito nos accommetteria.

O insecto, segundo todas as probabilidades é aquella especie de »*acridium migratorium*« (gryllus migratorius de Linneo) encontrado por Barrow no sul d'America cobrindo nm espaço de duas mil milhas quadradas; e mencionado por um correspondente de Kirby, e Spence, o qual em Mahratta, região da India, viu uma columna de gafanhotos de quinhentas milhas de extensão, que obscureciam o sol como se houvera um ecclipse e davam ao campo sobre que pousavam, a côr de sangue.

ANIMAÇÃO A INVENTORES.

3841 Querendo o Sr. *Manuel Maria Corrêa Seabra* provar, praticamente, ao publico a excellencia dos seus *Salva-vidas* para incendios, escolheu para esse fim a uma hora da tarde de domingo proximo, e as janellas do proprio edificio do escriptorio d'este jornal.

Desejou porém fazer, antes d'essa prova publica, outra no mesmo sitio á bocca da noite de 21. Eram cinco e meia da tarde; armou os seus apparelhos, e começou-se a experiencia do cinto: já quatro pessoas tinham descido sucessivamente, ora do segundo ora do terceiro andar, e egualmente subido, tudo com a maior rapidez e segurança, á vista de algum povo attraido pela curiosidade, quando passa (eram seis horas) um official da ronda a cavallo da guarda municipal: pergunta — «porque se acham aquellas pessoas reunidas» — (seriam umas trinta, todas no maior socego, todas applaudindo e commentando o invento): explica-se-lhe o caso, que de pouca explicação carecia porque elle mesmo chegára ainda a tempo de presencear duas descidas.

E' impossivel adivinhar o que houvesse em tudo isto merecedor do tom desabridamente peremptorio com que o sr. official ordenou a dispersão dos curiosos e a cessação de uma experiencia que, de certo, não era prohibida por lei alguma: isto mesmo se lhe representou, mas S. S.ª insistiu declarando que — «*a não parar logo tudo, immediatamente prendia o auctor.*

A um raciocinio d'estes não havia que responder. O auctor recolheu os apparelhos, e o povo, que o official mandou dispersar por uma patrulha, a qual lhe obedeceu devidamente mas com uma moderação que bem provava que o motivo da ordem era para ella um enigma, o povo retirou-se fasendo reflexões, que por muito obvias nos absteremos de repetir.

LUZ PINTORA.

3842 — ¿Sabe, com certeza, que é n'esta casa?

— Com toda a certeza, *rua nova dos Martyres*, n.° 34, 1.° andar, Mr. *Thiesson*!

— Mas estas seges á porta!....

— Mr. *Thiesson* de Pariz: não tem duvida nenhuma.

— Pintor.

— Não.

— Pintor de retratos....

— Tambem não: Mr. *Thiesson*, retratista.

— Não percebo a differença.

— Em casa de Mr. *Thiesson* não se vê nem pincel, nem palheta, nem lapis, nem sequer uma penna n'um tinteiro ao pé d'uma folha de papel.

— Até ahi não ha nada de extraordinario, mas parecia-me ter percebido que elle se occupava em tirar retratos, por signal a 4$800 rs.; e era para isso.... Em seis retratos meos que tenho mandado fazer por diversos artistas, para dar á minha noiva, uns em miniatura, outros em claro escuro, outros a oleo, tenho sido até hoje tão feliz, que se ella tivesse a indiscrição de os mostrar, daria a mais horrorosa idéa da sua constancia; julgal-a-hiam namorada de seis pessoas differentes, inclusivamente de meu avô, e d'outro individuo, que poderá vir a ser meu neto ainda antes de eu ser caduco. A arte a meu respeito já tinha desaminado; proclamou-me inconquistavel, um verdadeiro Gibraltar da especie humana em relação a ella! Disseram-me então que Mr. *Thiesson* copiava tudo, com a fidelidade de um espelho....

— Exactamente.

— Mas pareceu-me ouvir ao meu amigo que elle não tinha instrumentos.

— Nem os necessita: as mãos são quasi inteiramente superfluas a Mr. *Thiesson*.

— Visto isso é por encantamento que elle trabalha; é com a palavra que elle traslada as nossas feições!

— Tal qual: apresenta-se-lhe a pessoa que deseja ver-se, não retratada, mas duplicada. O joven.... artista, visto que é necessario chamarmos-lhe alguma coisa, olha apenas para ella, manda-a sentar, e assim como Deus disse: *faça-se a luz*, diz elle á luz: *faça-se o retrato*, e o retrato é feito! Subamos.

— Uma palavra primeiro; tudo o que o meu amigo me acaba de dizer, a respeito de Mr. *Thiesson*, e que poderia figurar muito decentemente n'um conto persico, para adormecer ao governador dos crentes Haroun Alraschid, póde vir a ter consequencias pouco agradaveis. Eu bem sei que já estamos nas raias do carnaval; mas o meu amigo sabe tambem que eu não sou dos que se deixam escarnecer impunemente, assim uma unica palavra emquanto é tempo. Mora aqui Mr. *Thiesson*, retratista, e capaz de me retratar, note isto bem; capaz de me retratar.... a mim?

— Tão capaz, que ha-de ser V. S.ª um dos poucos que possam gabar-se de ter cumprido o preceito do sabio da Grecia: ha-de-se *conhecer a si mesmo*.

— Muito bem, subamos.

Pouco depois estavam os dois interlocutores n'uma vasta sala de esquina, com a frente rasgada toda em janellas, que não formavam mais do que uma, e deitando para um bello jardim. O principal ornamento d'esta sala bastou para estremecer até aos alicerces a incredulidade do homem dos seis retratos. Via uma quantidade prodigiosa d'elles a vestir as paredes, com

tantissimo primor acabados, tão perfeitos os que eram de pessoas suas conhecidas, que a sua triste presumpção de inconquistavel, immediatamente arreou bandeira.

— O seu companheiro triumphava surrindo.

— Quem será aquella bella figura? — perguntou elle como que a si mesmo — viva, simpathica, exprimindo a probidade e o talento?

— *Bartholomeu dos Martyres*! Impossivel não reconhecer no primeiro relance.

— E este nobre aspecto militar?

— O *Ferreri*.

— Este aqui não ha duvida, é *Agostinho Albano*.

— Elle mesmo, e vivo; parece-me estal-o ouvindo n'um d'aquelles seus improvisos no parlamento, admiraveis de sciencia e profundidade.

N'este momento entrou Mr. *Thiesson*, mancebo elegante, alto, phisionomia agradavel, olhos brilhantes, maneiras de homem costumado a boa sociedade.

— Meus senhores — disse elle no mais puro parisiense — o que estaes vendo são apenas alguns retratos de que os seus originaes não pareceram ficar satisfeitos, e que por isso foi necessario tirar segunda vez: os approvados partiram; estes são apenas os refugos: mas permitti-me que vos mostre algumas outras curiosidades do mesmo genero, um tanto mais notaveis pela sua pequenez. Incaminhou-os para uma jardineira collocada no meio da sala, sobre a qual dentro de uma caixa coberta de vidraça se viam alguns retratinhos de cavalheiros e damas de tão microscopicas dimensões, que n'um alfinete de peito, por exemplo, se inxergavam duas meninas *conversando*.

O incredulo não podia acreditar nos seus olhos, parecia até applicar o ouvido para as escutar, e surria como que percebendo as suas palavras que manifestamente, com taes rostos, e tal expressão, não podiam deixar de ser segredos, segredos do coração d'aquelles que não admittem terceiro.

Ainda porém não era tudo. Um microscopio, que Mr. *Thiesson* lhe metteu aos olhos n'este momento, um microscopio, o eterno escarnecedor das mais perfeitas obras da arte, lhe patenteou uma perfeição tão minuciosa, e tão completa em todas as partes, e sobre tudo um relêvo de fórmas, um palpavel elastico de carnes, um morbido e fino de cabellos, um raiar de olhos tão vivo e fallador, que se diria que alguma fada invejosa das duas formusuras as encantára, para ficarem para sempre immoveis, redusidas áquelle carceresinho de oiro, de uma polegada.

— Muito bem, senhor, o que eu acabo de ver excede a tudo quanto havia lido e ouvido da vossa arte milagrosa. Quereis vós ter a bondade de faser o meu septimo e ultimo retrato?

— Com o maior gôsto; desçamos ao meu jardim, e a luz vos vae servir dentro em poucos segundos.

Por diante de uma cortina branca, estendida sobre uma das paredes do jardim, vê se uma cadeira ao lado de uma mesa; a mesa está coberta de um panno pintado de ramalhões, a cadeira tem no alto da espalda uma hastea terminando n'um circulo para encôsto da parte posterior da cabeça, e podendo, por via de um registo, subir ou descer para se egualar á altura da pessoa.

— Tende a bondade de vos sentar: não haveis de chegar a impacientar-vos. Muito bem, a vossa nuca inteiramente descançada n'este circulo de metal; essa perna sobre a outra, o braço estribado na banca: d'este modo podereis conservar-vos immovel por um terço de minuto, mas immovel com a mais perfeita immobilidade. Sem isso correrieis grande perigo de vos apparecerdes com quatro ou seis olhos, duas ou tres boccas, um rosto e meio, ou um nariz mais comprido que todo o corpo, é o que torna extremamente difficeis os retratos das creanças, e dos passaros; e impossiveis os das dançarinas e dos doidos.

— Mas creio, senhor, que o céu não estará hoje muito disposto a favorecer-vos; aquellas nuvens, cobrindo e descobrindo o sol, devem perturbar singularmente a vossa celeste collaboradora.

— Não temaes nada; a luz é perfeitamente obsequiosa, as variações da athmosfera só fasem que ella gaste alguns segundos mais ou menos, para nos servir, mas o effeito é seguro; é como o olhar da mulher que se ama, venha de perto ou de longe: exprima a tristeza ou a alegria, nem por isso deixa de vir estampar-se no coração. Emquanto ella vos obervar para retratar-vos; observal-a-hei eu a ella para adivinhar quando tem concluido a sua tarefa: agora silencio! escolhei o objecto em que haveis de ter fitos os olhos, e deixae-a trabalhar.

Dizendo isto, puchou do relogio, mostrou a hora, minuto e segundo em que se estava, e chegando a um cofresinho, collocado, quatro ou cinco pés diante da cadeira, levantou uma corrediça que o fechava pela frente, e poz-se a considerar alternativamente o movimento das nuvens e o do ponteiro; apenas este marcára o seu decimo quinto passo, fechando a subitas o cofre exclamou;

— Já vos tenho em meu poder.

E desappareceu com a enigmatica bocêta. Quinze minutos depois de operações mysteriosas, em quarto escuro, fechado e sem testimunhas, Mr. *Thiesson* voltou trazendo na mão o mais cabal e irrepreensivel de todos os retratos: um verdadeiro espelho com memória. O inconquistavel ao lapis e pinceis soltou um grito de espanto: via-se entre as suas proprias mãos, inteiro, desde a cabeça até aos pés; contou uma moeda de oiro pelo seu resgate, e correu para se ir entregar duas vezes simultaneamente á dama dos seus pensamentos, que de tão boa mente esqueceu os seis retratos por este, como dentro em pouco, segundo se espera, poderá esquecer este pelo original.

— Um zeloso — lhe disse o seu companheiro, despedindo-se — um zeloso de lei, nunca entregaria um similhante retrato á mulher que adorasse! E' demasiadamente vivo, demasiadamente homem. Substitue-vos, e não é vós mesmo: é Jupiter, sob a fórma de Amphytrião, diante do Alemena: a realidade aqui não é menos maravilhosa que a fabula: o proprio Arago, o grande confidente dos segredos da creação, ficou attonito diante de Mr. *Thiesson* sem poder conceber a sua obra; e a academia das sciencias de Paris, depois de o coroar dos mais altos elogios, não podendo resolvel-o a revellar o seu segredo, pediu-lhe em nome da sciencia e obteve, que elle lh'o deixasse em carta lacrada para se abrir depois da sua morte: é uma herança preciosa para as artes, mas em cuja posse ellas folgariam de não entrar pelo decurso de um seculo.